

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

**Maria Izabel Machado
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923121	
CAPÍTULO 2	12
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.6321923122	
CAPÍTULO 3	23
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
DOI 10.22533/at.ed.6321923123	
CAPÍTULO 4	34
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6321923124	
CAPÍTULO 5	43
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
DOI 10.22533/at.ed.6321923125	
CAPÍTULO 6	56
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simeir Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.6321923126	
CAPÍTULO 7	67
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
DOI 10.22533/at.ed.6321923127	

CAPÍTULO 8	79
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
DOI 10.22533/at.ed.6321923128	
CAPÍTULO 9	92
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6321923129	
CAPÍTULO 10	105
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
DOI 10.22533/at.ed.63219231210	
CAPÍTULO 11	118
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.63219231211	
CAPÍTULO 12	134
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63219231212	
CAPÍTULO 13	152
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.63219231213	
CAPÍTULO 14	164
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.63219231214	

CAPÍTULO 15	175
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
Nelton Moreira Souza Eliete Barbosa de Brito Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63219231215	
CAPÍTULO 16	189
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Ivaneide Nunes Paulino Grizente Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63219231216	
CAPÍTULO 17	196
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Renato Ribeiro Daltro	
DOI 10.22533/at.ed.63219231217	
CAPÍTULO 18	201
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves Fellipe Sá Brasileiro Daniella Alves de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.63219231218	
SOBRE A ORGANIZADORA	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR

Data de aceite: 22/11/2019

Maria Joseane Chaves

Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Especialização em Literatura e Ensino, EaD -
Educação à Distância

Natal/ Rio Grande do Norte - RN

RESUMO: O presente artigo foi motivado a partir das leituras realizadas na disciplina Literatura Potiguar na sala de aula, como parte do curso de Especialização em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, cujo TCC está em fase inicial. Nesse sentido, o presente resumo tem como finalidade apresentar a contribuição da poetisa potiguar Palmyra Wanderley, como uma voz feminina em meio às variadas vozes que compunham o espaço intelectual do início do século XX, por meio das publicações na revista Via Láctea – que circulou em torno dos anos de 1914-1915, na cidade de Natal. A poetisa inicialmente enveredou no campo jornalístico e contribuiu na fundação da referida revista juntamente com outras intelectuais, na qual se disseminou muitos registros que tratavam da educação e emancipação feminina. Dessa forma, pretendemos analisar e investigar a contribuição de Palmyra Wanderley (1894-1978), a partir desses escritos e estabelecer

relações com a educação. Dessa forma buscamos embasamento a partir dos escritos da Revista Via láctea, de outros registros da autora, bem como da literatura de outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, escrita, educação, emancipação.

PALMYRA WANDERLEY IN MAGAZINE VIA-LÁCTEA FROM 1914-1915: WRITING AND POETRY IN POTIGUAR WOMEN EDUCATION

ABSTRACT: The present article was motivated by the Reading made in the Potiguar Literature discipline on the classes, as part of the Specialization in Literature and IFRN teaches course, whose the TCC was in the early stages. In the sense, purpose of this abstract is to presente the contribution of the poet (poetry) Potiguar Palmyra Wanderley, as a female voice in the midle of a few voices that composed the intellectual space in the early XX century, through the publications of the Via-Láctea magazine – that circulated around the years 1914-1915, in the Natal City. The poet initially embarked on the journalistic field and contributed to the founding of the magazine along with other intellectuals, in which she disseminated many records that dealt with education and female emancipation. In this case, we intend to analyze and investigate the

contribution of Palmyra Wanderley (1894-1978), from these writings and establish relationships with education. In this case, we searching grounding from the writing of Via-láctea magazine, from the other writer's records, as well as the literature of others authors.

KEYWORDS: Genre, writing, education, emancipation.

1 | INTRODUÇÃO

Conhecer Palmyra Guimarães Wanderley através das leituras realizadas na disciplina Literatura Potiguar na sala de aula, como parte do curso de Especialização em Literatura e Ensino na modalidade de ensino Educação a Distância–EaD, pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, trata-se de um “achado” inspirador para a realização desse texto. Um recorte introdutório ao Trabalho de Conclusão do Curso –TCC, fomentado pelos registros de autoria dessa poetisa, jornalista, teatróloga, escritora e mulher, cuja sensibilidade em seus escritos tratou de evidenciar a participação feminina em suas potencialidades social e intelectual de sua época.

A motivação em pensar sobre Palmyra Wanderley como referência para esse trabalho, foi descobrir como essa escritora se faz presente, ainda hoje, em algumas publicações acadêmicas; dando conta de percebê-la como uma relevante voz feminina no cenário intelectual potiguar, nas primeiras décadas do século XX. Para entendermos a atuação de Palmyra, somente viajando no tempo e no espaço dessa época e passeando pela sua biografia ímpar, como mulher transcendental ao mundo social potiguar de seu tempo.

Partimos de algumas de suas publicações literárias, que a tornaram reconhecida como escritora que transitou entre o tradicional e o moderno e da participação como fundadora e redatora da revista Via-Láctea (1914-1915). A começar pelos escritos produzidos e divulgados respectivamente nessa revista, em conjunto com as demais colaboradoras nesse periódico exclusivamente feminino. Esses achados denotam textualmente a idealização de mulher na ótica de Palmyra e suas colegas literatas, muitas delas também jornalistas e escritoras do universo literário.

Os textos de Palmyra demonstram transcendência dessa escritora, acerca da condição de ser mulher naquele período. Ela se fez presente em voz, escrita e poesia em meio às estrelas que abrilhantaram a constelação literária Norte-Rio-Grandense nas primeiras décadas do século XX. Os textos de conotação jornalístico e literário, nos quais trataram especificamente da “mulher” capaz de ao mesmo tempo, ser tratada como um ser virtuoso, que obedecia os preceitos religiosos, todavia, teria competência para desenvolver atividades no mundo fora de casa e atuar em áreas como as ciências, as artes e, sobretudo na literatura, participando dos movimentos sócio culturais sem comprometerem suas virtudes femininas.

Desse modo a intenção é conhecer o pioneirismo e as contribuições de Palmyra, na emancipação da mulher potiguar. Nesse intuito convidamos os leitores a realizar um passeio em órbita da revista Via-Láctea (1914-1915), tendo essa poetisa e jornalista como fundadora; ainda, lançar-se num voo panorâmico sobre nos registros escritos sobre ela, de modo a vislumbrar através da escrita referenciais teóricos significativos, nos quais se possa refletir e atribuir entendimento dos ideais de Palmyra, com a educação da mulher natalense. Para tanto, será realizada uma busca em artigos, dissertações, teses e livros, escritos por interessados que passearam no universo de Palmyra Guimarães Wanderley, além de outros autores.

2 | PALMYRA WANDERLEY: BREVE HISTORIOGRAFIA DA MULHER

De acordo com Gurgel (2001, p. 52), Em “Minha terra tem Palmira cheia de graça”, o autor utilizou essa afirmação para intitular o texto e apresentar quão relevante foi sua passagem pela literatura potiguar em período de mudanças sociais, econômicas e literariamente que transitou entre dois universos tão distintos, o Romantismo e o Modernismo. Assim sendo, é chegado o momento de apresentarmos essa estrela potiguar, Palmyra Guimarães Wanderley, dona de uma biografia peculiar, nascida em Natal, a capital do Rio Grande do Norte, “no dia 6 de agosto de 1894, filha de Celestino Carlos Lins Wanderley e Anna Freitas Guimarães Wanderley, e irmã de Jaime e Ezequiel.” (DUARTE; MACEDO, 2013, p. 194).

Palmyra foi a terceira filha de nove irmãos – dois deles, Jaime e Ezequiel também marcaram presença no cenário intelectual -, uma família relativamente numerosa, mas, muito comum aos padrões da época. No lado pessoal, chegou a ficar noiva, todavia, seu noivo veio a falecer pouco antes do casamento. Contudo, casou-se anos depois, a contragosto de sua família que se opôs aquele matrimônio, provavelmente por entender que seu escolhido não estava à altura da estirpe social de sua família e, casada já na maturidade, não teve filhos.

Foi educada, numa época em que as filhas das elites já nasciam “pré destinadas” a receber uma educação diferenciada das meninas e moças de classes sócio economicamente menos favorecida. Oriunda de uma tradicional família de intelectuais que figuraram entre os mais conceituados, influentes e privilegiados literatos do estado, Palmyra, na infância recebeu educação destinada às moças de sua época, no ainda hoje em funcionamento, Colégio Imaculada Conceição. Para as moças de classe social abastadas economicamente, a leitura, a escrita e as noções básicas de matemática, eram fundamentais e podiam ser complementadas com uma língua estrangeira ou piano, por exemplo.

Fisicamente o sobrinho de Palmyra, Jaime Carmelo Wanderley, a descreve

assim:

Era baixinha, não devia ter mais que 1,50m, gorda, embora não gostasse de ser, loira, cabelos encaracolados, olhos muito azuis, pele muito branca, de face corada. Não demonstrava muito os sentimentos que tinha, pois era hábito da família. Reservada, não falava dela mesma. Mas em certos assuntos era espontânea. (CARVALHO, 2004, p.42).

Embora, reservada, Palmyra é sempre descrita pelos que visitam os registros sobre ela, como uma pessoa que era vista com frequência nas rodas sociais. Praticamente transcendental, usava cabelos curtos, pouco incomum para as moças de sua época e, sobretudo frequentava os saraus literários e que gostava de declamar os poemas de Auta de Souza, de quem era admiradora. Era formadora de opiniões e trouxe muitas discussões relacionadas ao cotidiano, do culto ao corpo, das campanhas feministas e como característica marcante, sempre apresentando um posicionamento acerca dos acontecimentos.

Foi nessa atmosfera que fundou e editou a revista *Via-Láctea* (1914-1915), que escrevia sob vários pseudônimos, com destaque para Mirthô, Li Lá, Masako e Ângela Marialva, ainda se supõe que assinava também como Myriam. Sua participação no cenário potiguar foi extensa, colaborou com diversos jornais e revistas de circulação dentro e fora do estado. Segundo Duarte, Macedo (2013, p. 195), “também escreveu crônicas, peças teatrais, conferências, contos e crítica de arte, e foi sócia fundadora da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras”.

Pelos olhos de Palmyra é possível conhecer um pouco da Natal do começo do século XX, período em transição do Romantismo para o Modernismo; esses dois mundos se conflitavam e mexiam com intelectuais de todo país, com Palmyra não foi diferente. Em suas publicações ela homenageou sua cidade exaltando-a nos poemas que escreveu para cada bairro de Natal, daquela época; neles é possível observar o lirismo inspirado pela natureza e pela vivência cotidiana das pessoas. Além disso, há evidências das ideias modernistas em seus versos livres conforme constatamos num trecho do poema *Areia Preta – Flor de Verão*

A brisa é quem nos traz
o som da serenata,
num bafejo cheirando
a flor de cajueiro;
a resina escorrendo na alvorada;
o fruto azedo e doce,
amadurecendo de madrugada.

Ao passo que Natal tentava se ajustar as mudanças da modernidade, Palmyra se afirmava no cenário literário e ganhava admiração e respeito, figura de destaque

publicou *Esmeraldas* e *Roseira Brava*, essas publicações somente vieram consolidá-la como escritora e poetisa talentosa:

Tendo estreado com **Esmeralda**, publicado em 1918, quando completava 24 anos, não era propriamente uma desconhecida. A sua participação na vida cultural da cidade, era notável, já em encenações teatrais orientadas pelo tio dramaturgo [...]. A publicação de **Roseira Brava**, em 1929, contribuiu para aumentar sua importância no cenário poético do Rio Grande do Norte. (GURGEL, 2001, p. 53).

Ainda hoje, Palmyra parece refletir o brilho da esmeralda e exalar o perfume da fina flor de sua roseira brava, cuja personalidade marcante deixou-nos o legado de uma mulher e escritora que primou pela sintonia entre os ideais e a escrita. Viveu até o dia 18 de novembro de 1978, ano que deixou esse plano terreno e foi brilhar na Via-Láctea juntando-se à outras estrelas para aumentar a constelação de escritoras e literárias mulheres potiguares.

3 | REVISTA VIA-LÁCTEA (1914-1915): MULHER E SOCIEDADE NOS ESCRITOS JORNALÍSTICOS E LITERÁRIOS

Na dimensão cósmica uma estrela só não é constelação, um século atrás, mais precisamente em 1914, as primas Palmyra e Carolina Wanderley, já tinham clareza que era preciso várias estrelas para se formar uma constelação. Talvez, não soubessem a coloração e o brilho que seriam capazes de espalhar, porém tinha certeza que papel e tinta iriam precisar, o material inicialmente necessário para uni-los às mãos e os colorir, escrevendo e divulgando seus pensamentos e ideias, se deixando serem percebidas e abrilhantando o espaço jornalístico e literário na sociedade em meio à tradição do romantismo e a “liberdade” do modernismo.

Escreveram sob diferentes pseudônimos, recurso bastante utilizado em séculos anteriores por homens e mulheres e ainda no começo do século XX, como forma de preservar a si e suas famílias de qualquer tipo de crítica local e exposição pública. Porém, a condição obrigatória era se deixar identificar na capa os nomes verdadeiros da constelação de mulheres que se formou para dar início a revista, segundo Duarte, Macedo (2013, p. 194), assim se constituindo “por oito moças da melhor sociedade de Natal. Seus nomes: Palmyra e Carolina Wanderley, Stella Gonçalves, Maria da Penha, Joannita Gurgel, Anilda Vieira, Dulce Avelino e Stellita Mello. Mais tarde entraram Cordélia Sylvia e Sinhazinha Wanderley”.

Esse grupo de distintas senhoritas demonstraram uma audácia incomum às mulheres daquela época com coragem e talento pujantemente demonstrados nos textos que circularam na revista *Via-Láctea* (1914-1915), com primeiro exemplar publicado em outubro de 1914. Estruturada em papel ofício e dividida em duas colunas, esse periódico circulou mensalmente durante oito meses. Assim, nascia

a Via-Láctea, uma revista exclusivamente feminina, com um projeto no mínimo audacioso dada a desafiadora dimensão do título e, não diferentemente o subtítulo, *Religião, Artes, Ciências e Letras* dá o tom provocador e

indica aos leitores, de ontem e de hoje, as áreas de abrangência da revista. A ordem dos assuntos parece mostrar também uma certa hierarquia entre os tópicos abordados. A prioridade do tema “Religião”, abrindo o elenco de interesses, encontra justificativa no fato de ser a Natal dessa época uma pequena e provinciana cidade, onde a Igreja exercia uma função significativa tanto no sentido de aglutinar pessoas, como de promover atividades intelectuais, desde, é claro, que tivesse controle sobre elas. Pedindo à Igreja a benção inaugural, nossas corajosas jornalistas uma formalidade quase necessária, ao mesmo tempo que abriam caminhos por onde escoar suas verdadeiras pretensões de discutir questões relativas à mulher e de pôr em prática um projeto literário para elas próprias. (DUARTE; MACEDO, 2003, p. 24).

Embora, a via encontrada tenha sido a religião como tema primeira ordem, talvez como provável estratégia que minimizasse possíveis entraves, apesar de tratar-se de um período de efervescência jornalística; a dualidade vivenciada entre o recato e a ousadia sustentavam a tônica da escrita dessas mulheres, elas por elas. Conforme indica o primeiro texto denominado aparecimento não assinado, que pode ser atribuído a Palmyra Wanderley – sendo essa a redatora da revista –, sob o suposto pseudônimo de Myriam, que escreve

A mulher natalense tem sido, em torno dos tempos, escravizadas aos preconceitos – verdadeiros entraves á sua marcha pela vida. Em geral, na estreiteza do meio ambiente, quando não tenha de cumprir a nobre missão de esposa e mãe, existe, como se fosse uma planta de estufa. Uma relativa cultura tem-na disposto para diversos misteres honrosos. Se o exercer com proficiência a melindrosa função de educadora é um facto, ainda assim vemo- la circunscrita na esfera onde age e nenhum outro constata a energia intelectual que não raro é dotada, de sorte que lhe valcrá possuir aptidões. (VIA-LÁCTEA, n. 1, out, 1914, p. 2).

Ao mencionar publicamente a condição da mulher tratada como um ser suscetível, limitada ao espaço do lar, primando pelo bem-estar de maridos e filhos, cujas atividades eram restritas aos afazeres domésticos, expõe quão a mulher era subjugada intelectualmente frente a sociedade. Abordar tão delicado assunto sugere uma demonstração de força, coragem e vanguarda, ao fomentar a participação feminina na sociedade natalense. Tinham à sua frente um longo caminho a ser transposto, diante da cultura patriarcal e machista, arraigada de preconceito social em julgar e condenar as mulheres como incapacitadas, para além das fronteiras de seus lares.

Nesse sentido, o sucesso das primeiras tiragens é explicitado e comemorado na secção de prosas ligeiras na edição de número dois, novembro, 2014, quando uma das colaboras menciona

Ainda bem que hoje me compete, por encargo, dar conta do movimento desta revista e começo registrando os nomes dos jornais que noticiaram o seu aparecimento: A República, Correio do Norte, A Evolução, A Avenida, O Espectador, Santelmo, desta capital, e a Imprensa, da Paraíba. Todos uníssonos em aplaudir a ideia que abraçamos. O Santelmo e Imprensa teceram-nos francos elogios. (VIA-LÁCTEA, n. 2, nov, 1914, p. 8).

Todavia, era comum os aplausos e elogios serem confundidos e direcionados às autoras com adjetivos que se referiam as moças e não aos textos ou, a revista. Segundo Duarte, Macedo (2003, p. 19), “Assim os jornalistas só se referiam à *Via-Láctea* como “mimosa”, “encantadora”, “apreciada”, “gentil”, entre outras expressões, numa flagrante feminização do periódico”, tais referências eram contraditórias aos objetivos das escritoras que vislumbravam difundir um projeto sério de trabalho direcionado a intelectualidade da mulher potiguar.

Porém, nuvens nebulosas ainda estavam por surgir no céu azul da *Via-Láctea*, mas, ao que parece, foram imediatamente dissipadas mantendo a claridade do firmamento. Sobretudo, quando Eloy de Souza, aparentemente inquietado com as ocupações daquelas moças que gastavam seu tempo em dirigir uma revista feminina, sugere que as mesmas devem aprender o modelo de mulher ensinado na Escola Doméstica de Natal, ora fundada e dirigida pelo seu irmão Henrique Castriciano. Assim sendo, sob o pseudônimo *Jacyntho Canela de Ferro*, Eloy, lançou uma publicação no periódico, “A República”, opinando sobre a revista

Tivesse eu a fortuna de ter nascido mulher e a maior de redigir A *Via-Láctea*, o meu maior empenho seria recomendar-me para fazer um excelente casamento, escrevendo coisas interessantes sobre assuntos caseiros. [...] Acho admirável a moça que escreve bem; mas a que escreve para tratar da melhor maneira de conservar a roupa branca ou a saúde do galinheiro, acho deliciosa. Entre as lamúrias de um soneto e a receita de um prato novo não há estômago de solteirão capaz de relutâncias insensatas. Seria com este anzol que eu se fora moça e fizesse parte da redação da mimosa revistinha, havia de pescar um marido que tivesse de fazer a minha felicidade. 08/01/1915. (CARVALHO, 2004, p. 84).

O conselho do tal *Jacyntho*, dá indícios do modelo educacional tradicional compreendido e desenvolvido, em uma das duas escolas em funcionamento na cidade de Natal, comumente frequentada pelas moças da alta sociedade natalense; preparar a mulher para casar-se, ser uma boa esposa e dona de casa eficiente. Apesar da sinceridade do conselheiro, ao que parece não agradou as colaboradoras da revista, pois não demoraram a dar-lhe uma resposta contundente, como se pode ver no trecho do texto escrito por *Dinese*, um dos pseudônimos de Carolina Wanderley, e transcrito da revista, a seguir:

É um desiludido, bem o prova! [...] Na sua opinião, devíamos fazer a *Via-Láctea* reclamo para um bom casamento. [...] Ela não é um órgão de um partido de titias e não ficaria lá muito a gosto trazer ao público uma exposição dos nossos

conhecimentos práticos, a fim de arranjar-mos um bom marido. [...] A Via-Láctea no seu parecer deveria chamar-se Revista Doméstica, Galinheiro ou A Cozinheira. Seriam assim preenchidas suas páginas: Primeira: - um artigo ponderado sobre a criação dos pintos ou a melhor alimentação para os patos. Segunda: - alguma coisa sobre agricultura. Modo de cultivar batatas e outras plantas de valor alimentício. Terceira: - dedicada à cozinha. Modo de preparar um frango, receitas de bolo, pudins, doces, biscoito, receitas de coisas saborosas que somente pela sua leitura lhe despertasse um apetite voraz. [...] Não nos julgue o Jacinto tão banais, a ponto de negarmos a excelência de seus proveitosos conselhos, mas tenha paciência que não podemos segui-los. [...] Seria para ele de melhor êxito, externar sua autorizada opinião às distintas alunas da sua Escola *menagère* de onde sairão, para o futuro, perfeitas donas de casa, capazes de lhes satisfazerem no seu grande amor aos bons pratos e aos galinheiros.[...]. (VIA-LÁCTEA, n. 4, jan, 1915, p. 3 *Apud* CARVALHO, 2004, p. 84).

Além disso, ao referir-se a revista nota-se certo desprezo quando usa os termos *mimosa*, para fazer referência ao feminino, bem como ao chamar de *revistinha* no diminutivo, levando-se a supor, uma tentativa de diminuir a competência intelectual e o trabalho das mulheres. Mesmo dizendo-se um leitor assíduo do periódico, suas observações mas parecem uma provocação indicativa ao espaço que as “moças de família” da sociedade natalense deveriam ocupar, numa alusão clara da natureza da mulher para casar, ter filhos e cuidar dos afazeres domésticos. Esse ponto de vista parece inquietante pelo momento, no qual a cidade de Natal crescia e se expandia motivada pelo urbanismo acelerado da modernidade, o que provavelmente acarretaria em mudanças de todo tipo na ordem social da cidade.

Ao responder o colega sobre sua crítica, nota-se uma evidente responsabilidade e fidelidade do projeto do programa da revista, ao qual se propuseram a difundir e defender, maior presença das mulheres na sociedade. Os textos publicados pela Via-Láctea, em geral, evidenciam a distância daqueles publicados com frivolidades que abordavam temáticas de culinária, acompanhados de lista de receitas, dicas de beleza entre outros relativos ao entretenimento, confirmando assim o posicionamento em favor de promover um ambiente estimulador para atuação da mulher como profissional na sociedade potiguar, nesse caso colaborando para a autonomia e emancipação feminina.

Apesar dos poemas publicados na revista, é nos textos em prosa que se encontra um vasto acervo que referendam as finalidades dos escritos, aos quais nos propomos abordar nesse trabalho. Nesse sentido, registramos que a Via-Láctea circulou de novembro de 1914, até o final de 1915, apesar do curto período de vida, cumpriu um relevante papel incentivando e divulgando a produção feminina do estado, através das letras dessas corajosas pioneiras, sobretudo de Palmyra Wanderley, que seguiu se envolvendo nos movimentos pela educação da mulher potiguar.

4 | A EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DA MULHER POTIGUAR NO COMEÇO DO SÉCULO XX, PELA VOZ E LETRAS DE PALMYRA WANDERLEY

Primeiras décadas do século XX, tempos de um Brasil marcado historicamente por efervescente transformação social, impulsionada pelo crescimento do capitalismo e a burguesia em plena ascensão buscava encontrar-se e se organizar nas vivências tanto familiares quanto nas formas de repensar as relações. Natal, a exemplo das demais cidades país afora, também embalava um intenso processo de urbanização que podia ir, desde a esfera arquitetônica aos aspectos comportamentais nas relações humanas promovendo o surgimento de novas formas de perfis, em especial a mulher.

Atenta aos acontecimentos que ocorreram no início do século XX, Palmyra, atuou como ícone de uma elite letrada e usufruindo de influente prestígio social, o que lhe oportunizou participar mais de perto dessas mudanças, envolvendo-se em associações e mesmo não sendo educadora, enveredou nos caminhos da educação, conforme afirma Silveira (2015, p. 31-32), “[...] a poetisa assumiu esse mister a partir, principalmente, de sua participação na Aliança Feminina, entidade formada por senhoras de Natal”. Uma instituição direcionada pela igreja Católica que de acordo com Carvalho (2004) apud Silveira (2015), tinha como objetivo “apoiar a influência da mulher na família e na sociedade para o predomínio dos princípios cristãos”.

Poeticamente falando, por vezes, ao que parece, sua voz ecoou no centro dos salões em conferências, tal qual a ninfa Eco da mitologia grega se fazendo ressonante para dar som e visibilidade a

[...] voz alheia, aí onde ela se perde, estrangeira de seu desejo. [...] É *no* e *do* espelho da folha branca do texto que surge esta figura de mulher que circula no imaginário literário e social. [...] E esta miragem do feminino vem seduzindo há séculos, nesses textos onde o narrador ou o poeta são capazes de fazê-lo falar, através do gesto mágico do deslocamento de vozes. E o que é masculino torna-se feminino e o desejo do impossível torna-se o possível do desejo. (BRANCO; BRANDÃO, 1955, p.18-19).

Silveira (2015) reforça ainda que Palmyra Wanderley, seguindo os moldes de muitos intelectuais daquele início de século “ela fala em nome do outro que não tem voz. Fala em nome dos menos favorecidos economicamente e, nesse contexto, ganham relevo o operário, e notadamente, a mulher operária, cujo salário foi sempre inferior”.

Na associação Aliança Feminina tratou de enfatizar a ação da instituição em conferência, cujo discurso visava enfatizar segundo, Silveira (2015, p. 32), “à proteção e ao amparo da mulher operária no Rio Grande do Norte” numa possível preocupação com esse público, ao perceber quão frágeis aquelas mulheres podiam tornar-se em relação aos perigos ambiciosos do sexo masculino, nos ambientes

fabris. Todavia, mesmo em tempos distantes apresentar um pioneiro que também não era educador, mas militou na defesa do outro ao discorrer sobre educação como prática libertadora, pois somente

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogos destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades, nem das culturas. E, na medida em que cria e recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. E também, criando recriando e decidindo que o homem deve participar dessas épocas. (FREIRE, 2007, p. 51).

A educação em Freire torna-se um instrumento essencial no processo de transformação da sociedade por ser possível através dela politizar o indivíduo, permitindo-lhe apropriar-se da realidade, inserir-se nela, tornar-se sujeito de sua própria história e atuar consciente no mundo. Desse modo, no entender do pensamento freiriano, toda ação educativa deverá ser precedida por uma reflexão sobre o homem e uma análise de seu meio de vida. Da mesma forma que somente podemos compreender algo se estudarmos a sua origem. Para Freire (2004, p. 45) “ Se não entendemos como algo que, para ser, tem de estar sendo, não teremos dela uma visão crítica”.

Retomando ainda, sobre o perfil de mulher do começo de século XX, talvez fosse prudente realizar um mergulho em outro viés, para tanto se faz relevante mencionar o texto “A EDUCAÇÃO DA MULHER” publicado pela poetisa na Via-Láctea 1915, sob o pseudônimo de Ângela Marialva, no qual há uma possível indicação nesse escrito de que poderia atribuir à mulher, mãe, a responsabilidade de conduzir a casa exercendo certa autonomia de modo que,

Para ser mãe é preciso muito mais: estudar a ciência materna que compreende a pedagogia, o estudo da índole humana, para saber aplicar os calmantes e os cautérios de conformidade com a organização moral, isto é, aplicar a dose do carinho e da energia convenientemente, para que depois, a médica do espírito, que deve ser mãe não vá inutilizá-lo. Ela é buriladora do caráter, deve, portanto, saber inculcar o bem, fazendo evitar o mal. (Via-Láctea, n. 6, mar, 1915, p. 2).

Partindo desses dois vieses é importante rememorar que, assim como foram percebidos seus passos transitórios, em relação ao romantismo e ao modernismo na literatura. Sobre o ponto de vista, acerca da condição da mulher independente e emancipada em relação a mulher dona de casa, responsável pelo bem-estar e saúde do lar, é possível perceber também, uma *certa dualidade* de pensamento e posicionamento da poetisa, conforme descreve Carvalho (2004),

Talvez, para não parecer aos olhos dos seus leitores e, principalmente, das suas leitoras como uma barrista do progresso feminista e da mulher intelectual, Palmyra Wanderley tenta explicar que combate a mulher emancipada completamente porque pugna pelos interesses do seu sexo e vê bem claro os prejuízos desta causa infundada. Mas revela que admira a mulher instruída e vê a necessidade que há na cultura de seu espírito influenciando em tudo. (CARVALHO, 2004, p. 133-134).

Considerando o espaço social, no qual convivia ou, ainda movida pelos princípios da sua fé, ao que parece na interpretação de Carvalho (2004), a poetisa dar indícios de um posicionamento mais ponderado sobre o assunto, talvez numa tentativa de não ser omissa em relação a emancipação da mulher, tampouco, uma ferrenha feminista. Possivelmente uma atitude sensata em tentar equilibrar esses dois pontos tão sensíveis de debater no âmbito do discurso, naquele início de século, contudo, esse tema é parte da conjuntura social, desde sempre e para mais ou para menos vem sendo discutido no bojo das sociedades, até os dias atuais.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos textos de Palmyra sempre são encontrados resquícios escritos, que apontam preocupação com a condição da mulher, seu nome esteve sempre presente no seio daquela sociedade em transformação na literatura, no jornalismo e no teatro, nas crônicas, cujo legado deixado por essa “notável” de seu tempo, se contrapõe a sua figura pequena fisicamente, porém, de grande eloquência expressada em seus textos poéticos e jornalísticos difundidos na revista *Via-Láctea* e demais escritos.

Palmyra Guimarães Wanderley por si só, merece atenção. Embora, não tenha defendido bandeira voltada pela causa feminista, seus textos, ao longo do tempo vem seduzindo alunos e professores interessados nas temáticas da poesia literária, da educação e emancipação da mulher potiguar. O que sugere uma rica jazida a ser garimpada, embora pequena, porém não menos relevante, pois o tesouro literário de Palmyra coloca-se à disposição aos exploradores que se dispõem a pesquisar em busca por informações que possam contribuir em conhecimento, acerca da história da cidade do Natal e como a sociedade à época enxergava a mulher que participava ativamente nas várias áreas sociais.

Nesse contexto a educação feminina é mencionada na obra de Palmyra, ao observarmos o posicionamento tomado pela autora, acerca das falas daqueles colegas literatos, homens, que também escreviam nos mesmos meios de comunicação, ao orientar as famílias tradicionais a matricularem suas filhas nas escolas que seriam modelo para o ensino das boas práticas domésticas, visando somente a aprendizagem voltada a servir seus esposos em reuniões sociais. A própria Palmyra é um exemplo de mulher à frente de seu tempo, circulava nas rodas sociais, as quais tinham como maioria de frequentadores um público masculino, cuja participação

feminina era ínfima.

Ao pesquisarmos a biografia de Palmyra, bem como, é dito por aqueles que já escrevem sobre ela, observa-se as colocações da poetisa ao evidenciar a mulher e sua posição, aspecto que está intrinsecamente relacionado à condição de escolarização, evidencia-se essa questão ao participar da Aliança Feminina, com o intuito de promover orientações para as mulheres pudessem ter mais autonomia. Todavia, suas considerações eram sutis, sendo muito mais percebido ao ler nas entrelinhas, possivelmente devido seu envolvimento com o meio político e com os dogmas da igreja.

Sua obra foi escrita há um século atrás, e até hoje é considerada, mulher e escritora de primeira grandeza à época, não somente no Rio Grande do Norte, mas, na Paraíba e Pernambuco, onde se pode considerar que seus versos dão corpo a um discurso feminista poeticamente falando, bem como, é possível estudá-los sob a perspectiva de gênero, sobretudo pela maneira como se impôs ao comportamento machista e ao conservadorismo vivenciado.

REFERÊNCIAS

BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.

CARVALHO, I. C. M. de. **Palmyra wanderley e a educação da mulher no cenário norte-rio-grandense (1914-1920)**. 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-rn, 2004.

CUNHA; D. Um passeio em Natal pelos olhos de Palmyra. In: DUARTE, C. (Org.). **Mulher e literatura do Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN/CCHLA, 1994. p. 55-67.

DUARTE, C. L.; MACEDO, D. M. C. P. de. **Escritoras do Rio Grande do Norte: Antologia**. 2. ed. Natal: Jovens Escribas, 2013.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GURGEL, T. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

SILVEIRA, M. G. B. **CIDADE NATAL ENTRE OS ESPINHOS DE UMA ROSEIRA ...** Natal/rn: Ifrn, v. 6, n. 12, 2015.

_____. **ROSEIRA BRAVA: PÓS ROMANTISMO E MODERNIDADE NA POÉTICA DE PALMYRA WANDERLEY**. 2016. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de PÓS-graduaÇÃO em Estudos da Linguagem, Cchla, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-rn, 2016. Cap. 3.

VIA LÁCTEA – de Palmyra e Carolina Wanderley – Natal, 1914-1915 – Edição Fac-similar. DUARTE, C. L.; MACEDO, D. M. C. P. (Org.). Natal: Editora NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho, 2003.

SOBRE A ORGANIZADORA

Maria Izabel Machado - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183
Associativismo 67, 87, 90

B

Biografias 137, 149, 150
Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41
Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216
Conservadorismo 163, 173
Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63
Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

D

Desastres ambientais 79, 80
Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191
Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133
Ensino de sociologia 118, 125, 132
Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208
Espaço urbano 43, 44, 45
Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

F

Familismo 166

G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218
Gestão de desastres 67, 76

H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

